

## ESPECULAR COM IMAGENS

Ouve-se dizer, como quem convoca uma sabedoria que se perde na memória dos tempos, que uma imagem vale mais do que mil palavras. Palavra e imagem remetem, no entanto, para uma controvérsia antiga. Entende a metafísica platônica, por exemplo, que todas as imagens são suspeitas, por serem vãs, e mesmo falsas, de nada valendo contra os conceitos, enunciáveis apenas pelo *logos*.

Foi, no entanto, a revolução óptica do século XIX que separou, de um modo aparentemente definitivo, as palavras e as imagens. A hegemonia da civilização numérica, de produção tecnológica, apressou a queda do regime analógico, representacionista, e permitiu o advento de um mundo autotélico, autónomo, um mundo de realidades separadas. A cultura do livro, e também a cultura católica, haviam controlado rigidamente as imagens, que precisaram sempre de autorização para poderem aparecer. A tradição judaico-cristã pressentira nelas um perigo, vendo nas imagens uma fonte e um motivo de «tentação». Mas foi com as tecnologias ópticas, primeiro com a fotografia e o cinema, depois com o vídeo e as imagens digitais, que a imagem pôde ganhar peso, autonomizar-se, e escapar finalmente à infinita *ekphrasis* imposta pela linguagem.

A sabedoria popular sobre a relação entre as imagens e as palavras, aparentemente convincente, convoca a crença estonteante no poder mostrador das imagens. E compõe também uma ideologia, que tem organizado, na cultura ocidental, as relações entre imagens e palavras. Ao mesmo tempo que atribui à imagem uma força encantatória, sedutora (as imagens recebem-se sem esforço, são imediatas, directas, gulosas), o aforismo de «uma imagem vale mais do que mil palavras» culpabiliza a palavra por ser trabalhosa, tortuosa, pesada, dolorosa. Além disso, parece querer afirmar que a imagem é, sem margem para dúvidas, a solução da palavra. As imagens conseguiriam realizar sem esforço o que as palavras arduamente procurariam sem o alcançarem. As palavras, que andam sempre de dizer em dizer, tornar-se-iam, por isso, um peso para os indivíduos.

O que é certo é que esta ideologia que envolve as imagens — a ideia de que elas não precisam de ser trabalhadas, que se impõem por si próprias — lhes foi criando uma via autónoma de produção no Ocidente, raramente penetrada pelo pensamento e pelas palavras. Para criar uma imagem basta uma máquina, como antes bastava a natureza que as produz profusamente. Agora, a imagem é forte, porque produzida sem intervenção humana, limpa, pura, liberta de metafísicas.

Aparentemente a imagem superou o pensamento, já não necessitando dele. Trata-se de um resultado paradoxal, se repararmos que a filosofia ocidental, a de Platão, por exemplo, começa precisamente num conflito com as imagens. Esse conflito é resolvido através das ideias eternas, um procedimento que abre caminho ao «conceito», de que a técnica digital é a culminação. No momento final deste processo, a relação entre imagem, palavra e texto tornou-se praticamente num enigma, sendo nosso propósito, neste ensaio plural, escrito a muitas mãos, interrogá-lo, debatê-lo e clarificá-lo, na medida do possível. Com efeito, a sibilina frase de Giordano Bruno, «*Pensar é especular com imagens*», parece repercutir hoje intensamente na nossa cultura, retomando um destino que não pára de nos surpreender.

Foi a 5 e 6 de Dezembro de 2007 que investigadores do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens (CECL), da Universidade Nova de Lisboa, e do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), da Universidade do Minho, se reuniram no Seminário Imagem e Pensamento, Museu/Colecção Berardo, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa. Os textos aqui apresentados repõem uma boa parte do debate desses dias.

Moisés de Lemos Martins  
 José Bragança de Miranda  
 Madalena Oliveira  
 Jacinto Godinho